

O DISPOSITIVO DA ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA E FUNÇÃO ESTRATÉGICA

THE SPORTIVIZATION DEVICE OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: EMERGENCY CONDITIONS AND STRATEGIC FUNCTION

Franciele Roos da Silva Ilha 1

Resumo: O dispositivo da esportivização da Educação Física Escolar surgiu da intenção de investigar a regulação curricular da Educação Física e seus efeitos no trabalho de docentes iniciantes. O objetivo do estudo é apresentar as duas das principais características do conceito foucaultiano de dispositivo: as suas condições de emergência histórica e a sua função estratégica, na especificidade do dispositivo da esportivização da Educação Física Escolar. Os procedimentos metodológicos deste trabalho têm natureza bibliográfica. As condições de emergência histórica do dispositivo da esportivização propiciaram entender como emerge um conjunto de práticas e discursos que atravessam as práticas curriculares da Educação Física, a partir de 1950, e que permanecem ativas. A função estratégica subsidia o entendimento de como é possível a sustentação do dispositivo da esportivização na atualidade, ao indicar mudanças de direção, descarte, incremento e reativação de discursos no intuito de fortalecer a ação e operacionalização do dispositivo.

Palavras-chave: Dispositivo. Esporte. Educação Física.

Abstract: The device of the sportivization of Physical School Education arose from the intention to investigate the curricular regulation of Physical Education and its effects on the work of beginning teachers. The aim of the study is to present two of the main features of the Foucaultian concept of device: its historical emergency conditions and its strategic function, in the specificity of the sportivization device of Physical School Education. The methodological procedures of this work are bibliographic in nature. The conditions of historical emergence of the sportivization device allowed us to understand how a set of practices and discourses that intersect the curricular practices of Physical Education have emerged since 1950 and remain active. The strategic function subsidizes the understanding of how it is possible to sustain the device of sportivization in the present time, by indicating changes of direction, discard, increment and reactivation of speeches in order to strengthen the action and operationalization of the device.

Keywords: Device. Sport. Physical Education.

Introdução

O Dispositivo da Esportivização da Educação Física Escolar surgiu da intenção de investigar a regulação curricular da Educação Física e seus efeitos no trabalho de docentes iniciantes. A noção de dispositivo fundamenta-se no conceito elaborado por Michel Foucault, e traduz-se em:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (1992, p.138).

A nomeação do Dispositivo como da Esportivização da Educação Física Escolar foi criada devido a emergência do esporte como o modo de regulação curricular mais potente deste componente na escola. Tal dispositivo tem no esporte as bases de suas condições de possibilidade.

No âmbito deste artigo, o objetivo do estudo é apresentar as duas das principais características do conceito foucaultiano de dispositivo: as suas condições de emergência histórica e a sua função estratégica, na especificidade do dispositivo da esportivização da Educação Física Escolar. Além disso, é feita uma breve problematização do conceito de esporte e esportivização, tão imbricados com a temática em questão.

Os procedimentos metodológicos deste trabalho têm natureza bibliográfica. Deste modo, os resultados e a discussão são feitos com aportes teóricos relacionados ao objeto de estudo, a seguir apresentados.

Ao se constatar a potência do esporte como principal regulador das práticas curriculares da Educação Física, no *locus* da pesquisa realizada, sentiu-se a necessidade discutir algumas caracterizações do esporte, as quais auxiliam no entendimento do nome escolhido para o dispositivo em foco. Tendo em vista que a questão do esporte requer uma discussão bastante específica no campo da Educação Física, como as diferentes formas de desenvolvê-lo e praticá-lo, bem como as diferentes abordagens repercutem nas práticas curriculares da Educação Física escolar. Nas palavras de Soares (2006, p.80): “Talvez seja o esporte a atividade humana que mais revela um conjunto de conhecimentos, técnicas e discursos legitimados e desejados para o controle dos corpos; talvez seja a atividade mais impregnada de logro, mais encantatória”.

Portanto, a palavra esporte é usada indiscriminadamente com diferentes significados. A esse respeito, Elias (1992, p.191) alerta que “O termo ‘desporto’¹ é utilizado no presente de uma maneira bastante vaga, de forma a abranger confrontos de jogos de numerosos gêneros”. Porém, de acordo com Barbanti (2006), para uma atividade ser considerada como esporte são necessários alguns pré-requisitos. O autor pontua três aspectos fundamentais para tal consideração: referir-se a tipos específicos de atividades (atividades físicas); depender de condições sob as quais as atividades acontecem (atividade física competitiva e institucionalizada); depender da orientação subjetiva dos participantes envolvidos nas atividades (satisfação intrínseca do envolvimento na atividade e motivação por fatores externos).

O primeiro aspecto refere-se a atividades físicas que são historicamente e culturalmente consideradas como esporte, ainda que outras formas possam ser incorporadas. Barbanti (2006) alerta que a ideia de o esporte envolver apenas atividades caracterizadas como físicas é questionável, pois o xadrez, por exemplo, envolve o mínimo de desgaste físico, o aspecto cognitivo é certamente o mais utilizado pelos seus jogadores. Porém, segundo o autor, ainda não há uma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Quanto ao segundo aspecto, a institucionalização de uma atividade necessita da padronização de suas regras, com o cumprimento

¹ “A palavra desporto tem origem francesa, *deport*, significando prazer, descanso, esparecimento, recreio. Na incorporação do termo, no entanto, os ingleses atribuíram-lhe modificações, acrescentando o sentido de uso atlético submetido a regras, dando a definição de *sport*” (MARCHI JÚNIOR, 2008, p.26). Deste modo, o uso de desporto nesta tese é no sentido próximo ao de esporte.

e a regulação feitos por entidades oficiais. Os aspectos técnicos e organizacionais da atividade tornam-se importantes, de modo que a aprendizagem das habilidades esportivas se torna mais formalizada. O último aspecto está ligado à satisfação pessoal que o jogador tem ou não, em menor ou maior grau em praticar determinado esporte e aos fatores externos que também podem ser meios de motivação ou não, como dinheiro, troféus, medalhas, fama. (BARBANTI, 2006).

Cabe salientar que a compreensão de esporte estritamente associada ao esporte de rendimento não condiz com a gênese do esporte moderno. Os estudos sociológicos acerca do esporte, como os realizados por Elias (1992) e Bracht (2005), mostram que o esporte, assim como define Barbanti (2006), resulta de um processo de esportivização de jogos populares e/ou tradicionais, na medida em que vai sendo institucionalizado e caracterizado como esporte de alto nível, de rendimento, como espetáculo.

González (2008) mostra com clareza quatro sentidos que se pode encontrar o termo esportivização na literatura da Educação Física. O primeiro é esse pontuado por Elias (1992) e Bracht (2005), que González (2008) chama de esportivização inaugural. O segundo refere-se a transformação de práticas corporais provenientes de âmbitos não competitivos, nem institucionalizados em modalidades esportivas pela incorporação dos pressupostos do esporte de rendimento. O terceiro condiz com assumpção dos códigos do esporte de alto nível no contexto das práticas educativas da Educação Física escolar: é o esporte na escola, ao invés do esporte da escola. Por fim, o quarto sentido se traduz pela aderência da lógica do esporte de rendimento por parte de espaços sociais desconexos do campo das práticas corporais. Nas palavras do autor: “a lógica de disputa e rendimento, que encharca nossa forma de olhar e sentir o mundo” (GONZÁLEZ, 2008, p.173).

Diante do impasse da palavra esporte ser associada estritamente ao esporte de alto nível, junto ao termo esporte foram sendo inseridos outros para dar conta de novos sentidos a ele associados (esporte educacional, esporte escolar, esporte recreação, esporte de rendimento, esporte lazer). Tais desdobramentos indicam a diversidade do contexto em que o esporte é realizado e os objetivos dos profissionais que o desenvolvem ou de quem o pratica. As escolhinhas privadas, os espaços públicos, as ruas, os eventos recreativos, as competições institucionalizadas, as aulas de Educação Física são espaços e momentos em que o esporte assume – ou deveria assumir - características singulares.

Tal discussão é travada por Tubino (1999), ao explicar que o mundo entendeu o esporte, por um longo tempo, apenas pelo viés do rendimento. Entretanto, a partir de 1964 com o documento *Manifesto do Desporto*, que pontuava outras formas de esporte como o escolar e do homem comum, e em 1978 com a *Carta Internacional de Educação Física e Esportes* publicada pela UNESCO, a intenção de promover o esporte para todos e possibilitar novas maneiras de ver e dizer as práticas esportivas são fortalecidas. O primeiro artigo deste último documento estabelece-se a atividade física ou a prática esportiva como direito de todos, como a saúde e a educação. A Carta da UNESCO repercutiu em todos os países e impulsionou mudanças, como a inclusão do tema na Constituição de 1988 no Brasil. Assim, o esporte, como um direito de todos, pode abranger pelo menos três dimensões: esporte-educação, esporte-participação e esporte-rendimento.

Em outras palavras, evidencia-se que a trajetória histórica do esporte é permeada de rupturas, descontinuidades, emergências. Na sua gênese mostraram-se como jogos tradicionais e populares, sendo após esportivizados. Simultaneamente, desencadearam-se desmembramentos em torno de seus objetivos e espaços de prática, mesmo que a efetivação deste desdobramento, no que tange à articulação de práticas esportivas imbricadas com finalidades pensadas *a priori*, não tenha acontecido de forma tranquila, sem resistências, sem conflitos, com aceites, recusas e com processos de fuga. Tendo em vista que, as práticas sociais não seguem um caminho do menos evoluído para o mais evoluído, elas “apenas acontecem”, resultantes de processos que envolvem um conjunto de práticas negociadas.

Evidencia-se, assim, que a discussão travada acerca do esporte não produz consensos. Os questionamentos acerca de o que é o esporte, quais são as suas modalidades, como se caracterizam as suas práticas ainda estão em pauta, principalmente no campo da Educação

Física, que potencialmente é atravessada pelas verdades produzidas com vistas a responder tais questões.

Nesta direção, aqui se entende o esporte como um objeto discursivo que circula em diferentes campos de saber (Educação Física, Educação, Saúde, Mídia), com a dispersão de discursos que promovem distintos modos de subjetivação. Esta questão também é percebida por Garcia (2002), ao afirmar que os processos de subjetivação contemporâneos são plurais e divergentes, bem como as nossas subjetividades.

Ademais, a relevância em trazer as caracterizações e diferenciações do termo esporte é justamente para mostrar os dissensos que o envolvem, bem como para pontuar as aproximações e afastamentos de uma ou outra perspectiva. As reflexões de Barbanti (2006), por exemplo, ajudam no sentido de pontuar características importantes a respeito do esporte (o esporte de rendimento), fundamentando aproximações e afastamentos deste com a Educação Física escolar.

Conforme tratado a seguir, a produção acadêmico-científica que trata do esporte na/ da Educação Física não o relaciona, *a priori*, com a ideia de rendimento (como faz Barbanti, 2006). Fundamentam-se na concepção de que o esporte é uma prática cultural de movimento, e na especificidade da Educação Física escolar constitui-se em um conteúdo curricular da educação básica. Ele abrange modalidades individuais (corrida de velocidade, salto em distância) e coletivas (futebol, basquetebol), não sendo enunciado comumente no âmbito das práticas corporais, como as danças, lutas ou ginásticas². De modo que, ao referir-se ao termo esporte, estar-se-á remetendo para o grupo restrito de esportes individuais e coletivos. Inclusive, muitas vezes se omitem do quadro esportivo, os esportes individuais, caracterizados por modalidades de atletismo.

Ainda que seja visível que nem todas as características que definem o esporte de rendimento possam ser reproduzidas na escola, uma das críticas mais comuns direcionadas à disciplina no espaço da escola é a chamada esportivização da Educação Física escolar. É o segundo sentido do termo apontado por González (2008). De modo geral, esta crítica se direciona à ênfase e/ou à restrição do trabalho com certas práticas corporais (os esportes coletivos, principalmente o futebol), bem como ao modo com que as mesmas são desenvolvidas. Crítica essa que, pelo viés de Barbanti (2006) nem poderia ser feita, já que o esporte ou as práticas esportivas nelas desenvolvidas não cumprem necessariamente os pré-requisitos de caracterização de esporte, principalmente no que se refere ao cumprimento das regras por órgãos oficiais e sua institucionalização.

Mesmo assim, algumas abordagens de ensino são associadas à ideia da esportivização, como aquelas que se preocupam demasiadamente com a técnica e a tática esportiva, incentivam a competição dos alunos, buscam melhorias em suas *performances* esportivas, promovem a exclusão dos alunos menos habilidosos, bem como preconizam o cumprimento de regras oficiais das modalidades esportivas nas aulas de Educação Física escolar. Tais aspectos recaem na caracterização de objetivos e metas do esporte de rendimento.

Nesta linha de pensamento, Rigo (1995) destaca que há um descompasso entre a Educação Física dita esportivizada com os contextos escolares, em relação a vários aspectos, como infraestrutura, recursos humanos, tempo destinados aos treinos/aulas. Tal descompasso indica que a esportivização encontra dificuldades para se materializar nas aulas de Educação Física escolar.

Dentre as perspectivas curriculares de ensino da Educação Física, a chamada esportivização nada mais é do que a abordagem denominada esportivismo, a qual caracteriza-se por uma perspectiva não crítica de currículo. Como exemplos de currículos tradicionais ou não críticos, Neira e Nunes (2009) nomeiam os currículos esportivo, globalizante, desenvolvimentista e saudável, já que através deles objetiva-se ensinar o passe no futebol, o desenvolvimento do esquema corporal, o cálculo do Índice de Massa Corporal, mas não se ensina o porquê destes conhecimentos estarem compondo o currículo, sua trajetória sócio-histórica, nem as formas de subjetividade às quais se vinculam.

² As danças, lutas, ginásticas, entre outras, não são chamadas comumente de esportes, com exceção dos jogos olímpicos, em que estas últimas são inseridas no quadro de modalidades esportivas, já que são esportivizadas.

As questões pontuadas por Rigo (1995) comprovam que é impossível pensar o esporte de alto nível sendo tratado e desenvolvido na Educação Física escolar, tal como é pensado e realizado no sistema esportivo. Essa compreensão converge com a perspectiva aqui adotada, uma vez que não se defende a ideia de que discursos ou dispositivos sejam imposições, as quais sejam fielmente aceitas nos diferentes contextos pelos sujeitos que neles circulam. Ao tratar da regulação curricular da Educação Física pelo conceito de dispositivo, aqui nomeado como *da esportivização da Educação Física* não se defende que o esporte de rendimento, com todas as implicações que advêm de sua prática (aspecto institucional, estrutural e organizacional, equipe de profissionais), consiga se efetivar nas aulas de Educação Física. Defende-se, por certo, que certas características do esporte de rendimento atravessam as práticas curriculares da Educação Física na escola, ao entrar nos jogos de poder-saber, que envolvem a escolha de conteúdos, metodologias, relação professor-alunos, professor-outros profissionais da escola, professor-pais. Ao entrar neste jogo, tais características disputam a hegemonia do componente curricular com outros conteúdos, outros modos de ensino, outros discursos, outras práticas, outros dispositivos.

Além disso, o dispositivo tem uma função estratégica dominante que pode se rearticular com o auxílio de suas linhas, regimes e curvas. Se algumas metas do esporte de rendimento não se mostram produtivas na Educação Física escolar, estas podem ser revistas e substituídas por outras estratégias. É um processo sempre com vistas a efetivar algo nas práticas e discursos, mas que nunca se concretizam em sua totalidade, intensidade e plenitude.

Portanto, a crítica na área de Educação Física sobre sua esportivização, no sentido de que a instituição esportiva adentrou a escola com todos seus princípios, códigos, objetivos e se efetivou nas aulas de Educação Física, difere do modo como o dispositivo aqui engendrado atua nas práticas curriculares da Educação Física. A diferença é justamente o caráter negociável atribuída às práticas escolares, bem como a (re)construção de técnicas, estratégias e metas na ação do dispositivo.

Assim, o uso do termo esportivização para nomear o dispositivo de regulação das práticas curriculares da Educação Física na escola, parte da identificação de que certas modalidades esportivas nas aulas de Educação Física com algumas características (descritas anteriormente) são preteridas em relação a outras, as quais se assemelham com as do esporte de rendimento.

A ausência de um consenso no campo da Educação Física do quê ensinar e avaliar e de como ensinar e avaliar em cada série da escolarização básica, juntamente com a falta de regulação historicamente construída das práticas curriculares da Educação Física na escola por parâmetros definidos, tem facilitado a ação de diferentes discursos, dispositivos.

Não há como negar que o esporte pode ser praticado e trabalhado de diferentes formas, com variados objetivos, em diversos lugares, por qualquer pessoa. Ele não está restrito ao esporte de alto nível. Há uma relação historicamente construída entre a Educação Física e o esporte, apresentando ou não certas características do esporte de alto nível. O esporte, em suas diferentes modalidades, é um dos conteúdos da disciplina e pode-se dizer que é o que ocupa mais espaço no quadro curricular nas escolas e nas próprias indicações curriculares nacionais, estaduais e municipais.

O estudo de Silva (2011) se aproxima desta ideia ao abordar a emergência do esporte na configuração das práticas culturais de Curitiba - PR, delineando o dispositivo esportivo da cidade. Porém, mesmo com a ênfase dada ao esporte em sua pesquisa, inclusive compondo o nome do dispositivo como esportivo, não é realizada nenhuma relação entre o esporte, a Educação Física e a instituição escolar. Aborda-se de forma sucinta que a valorização da cultura física não se restringe apenas aos espaços verdes, mas abrange instituições como a escola, família, clubes e associações, sem qualquer menção à Educação Física.

Em outras palavras, aqui o interesse recai nos modos pelos quais o conteúdo curricular esporte se dispõe e se refaz descontinuamente na Educação Física escolar pelo enfoque de certas modalidades esportivas com determinados modos de tratá-los. A tentativa é mostrar esse processo por meio do entrelaçamento dos discursos e práticas que formam o dispositivo, não através de concepções pré-estabelecidas.

É importante destacar que não existe um responsável pelo enfoque de certas modali-

dades esportivas. O professor de Educação Física, por exemplo, não pode ser responsabilizado pelo fato de que em suas aulas sejam trabalhadas apenas certos esportes e com base em alguns princípios do esporte de alto nível. O dispositivo da esportivização, por meio de suas práticas discursivas e não discursivas, consegue capturar alunos, professores, diretores para assumirem seus discursos e práticas perpetuando seus objetivos. Ainda assim, é primordial considerar que a intensidade com que o dispositivo captura cada sujeito pedagógico (professor, aluno e outros) desencadeia processos singulares, uma vez que entra em jogo saberes de outros discursos, dispositivos.

Desta forma, o dispositivo da esportivização da Educação Física não produz os mesmos sentidos, não toca os professores, alunos, entre outros, do mesmo modo. Portanto, os saberes do dispositivo se chocam com a construção discursiva de cada sujeito, os quais entram em disputa pelas subjetividades e daí, sim, pode resultar em “algo: um novo sujeito”, sempre provisório.

As condições de emergência histórica do dispositivo

As condições que possibilitaram a emergência do dispositivo da esportivização da Educação Física são atreladas às questões políticas, econômicas e sociais, as quais compõem o quadro histórico em que tal dispositivo emergiu.

A proposta baseia-se em pontuar “muito mais do que determinismos, relações de causa e consequência, a emergência de um dispositivo está ligada, indelevelmente, a condições de possibilidade datadas historicamente” (MARCELLO, 2009, p.231). A situação histórica no período da emergência do esporte na Educação Física escolar, no que tange aos aspectos econômicos, sociais e pedagógicos indica as condições de possibilidade do dispositivo em questão.

Neira e Nunes (2009) sinalizam que os modelos de administração taylorista e fordista³, do final do século XIX e início do século XX, impulsionaram mudanças nos processos de trabalho escolar, na medida em que a instituição escolar na primeira metade do século XX também foi chamada a atender e contribuir com o desenvolvimento da sociedade produtivista. De modo que o currículo foi o instrumento reconhecido como capaz de promover as mudanças desejadas. Hypolito (1997) complementa essa ideia ao explicar que o escolanovismo teve importante papel no delineamento da escola, em uma concepção mais científica, tanto para o trabalho pedagógico como para o trabalho escolar. A inserção de especialistas como o administrador, o supervisor e orientador para desempenhar papéis diferenciados na instituição escolar.

Acerca de tal intencionalidade, cabe salientar que a perspectiva aqui assumida converge o olhar para entender que tal processo não se deu sem conflitos e resistências. A escolarização não foi simplesmente taylorizada. Ainda que Foucault (2014) alerte sobre a existência de uma regra de condicionamento duplo entre uma estratégia global com relações precisas e tênues (práticas localizadas), que fornecem suporte e ponto de fixação, o caráter negociado é possibilidade inerente a qualquer relação de poder.

Assim, essa estratégia mais ampla gerou efeitos nas práticas locais, uma vez que a escola, a sua gestão, o currículo, os processos de ensino e o trabalho dos professores sentiram as repercussões do momento histórico impactante na economia e nas relações sociais. Este contexto histórico brasileiro em que se efetivaram investimentos para o impulso da indústria é visibilizado na conjuntura do governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Neira e Nunes (2009) explicam que as finalidades da escolarização e da educação foram alteradas por conta desse processo. Docentes preocupavam-se com o controle e obediência dos alunos, discentes ocupavam-se em memorizar os conteúdos, caprichar na aparência dos exercícios, manterem-se em filas, e as notas dos alunos tinham relação com os salários dos professores. Nesse sentido, o rendimento assume importância e, mesmo com a intenção de relacionar a aprendizagem com a prática cotidiana, o vigor dos princípios industriais distanciou esses ideais da realidade escolar. Sendo assim, a concepção pedagógica tecnicista começa a

3 Esses modelos foram substituídos pelo que hoje se denomina modelos pós-fordistas (gerencialistas).

ganhar espaço no currículo das escolas, tendo nos métodos e técnicas a promessa de um ensino o mais eficiente possível. O tecnicismo estava em sintonia com as necessidades sociais da época.

Pela sua peculiaridade de atividade física regrada, com regulamentos, especialização de papéis, competição, meritocracia e por apresentar condições para medir, quantificar e comparar resultados, além da crescente valorização de sua espetacularização fomentada pelos meios de comunicação, o esporte tornou-se o meio reconhecidamente eficaz de preparar o homem para um sistema de hierarquização (NEIRA; NUNES, 2009, p.74).

Deste modo, “a objetividade contida nos esportes mostrava-se coerente com as necessidades de formação para a sociedade em franco desenvolvimento” (NEIRA; NUNES, 2009, p.74). Portanto, “o currículo esportivo alinhava-se plenamente aos princípios fabris do taylorismo e do fordismo” (NEIRA; NUNES, 2009, p.74).

Dada a importância dos resultados exitosos para a prática esportiva, Neira e Nunes (2009) salientam que essas manifestações foram introduzidas no currículo escolar no intento de que tal prática educasse os hábitos dos alunos e tornasse a sociedade mais eficiente. Barbosa (2010) reforça essa ideia, ao dizer que a Educação Física foi a disciplina do currículo escolar que incorporou de modo mais intenso a tendência tecnicista. Assim sendo,

No Brasil as condições para o desenvolvimento do esporte, quais sejam, o desenvolvimento industrial com a conseqüente urbanização da população e dos meios de comunicação de massa, estavam agora, mais do que antes, presentes. Outro aspecto importante é a progressiva esportivização de outros elementos da cultura de movimento, sejam elas vindas do exterior, como o judô ou o karate, ou genuinamente brasileiras como a capoeira (BRACHT, 1997, p.22).

O espaço que o esporte ganhou, especificamente na Educação Física, também é explicado por Bracht (1997), ao esclarecer que com o término da II Guerra Mundial e da ditadura do Estado Novo no Brasil (respectivamente, em 1945 e 1947) o esporte inicia um processo ascendente de influência na Educação Física, nos modos de fazê-la e pensá-la. “Esta orientação parece, mais uma vez, adequar-se bem à orientação tecnicista que, principalmente nas décadas de 60 e 70 predominam no sistema educacional brasileiro, sob a égide da ditadura militar” (BRACHT, 1997, p.23). Ao passo que, conforme alertam Bracht e Almeida (2003), a Educação Física é historicamente objeto de atenção de intervenção tanto de políticas educacionais como de políticas esportivas. Com a perspectiva de que o esporte é promotor de saúde e qualidade de vida da população, e também capaz de amenizar os problemas provenientes da vida urbana e tecnologicizada, a prática esportiva é considerada um direito do cidadão e dever do Estado, sendo incluída nas constituições e cartas magnas.

Darido e Neto (2011) trazem outro aspecto que contribuiu para a inserção do esporte na Educação Física, ao dizerem que a partir dos anos de 1950 a Educação Física escolar influenciou-se pelo esporte, por conta, também, do sucesso da seleção brasileira no futebol nas copas de 1958 e 1962. Assim, o esporte foi escolhido como conteúdo curricular prioritário na Educação Física (NEIRA; NUNES, 2009).

Dentre essas condições, os aspectos culturais também merecem destaque. Para tanto, cabe sinalizar questões relacionadas ao esporte, que como eixo central do dispositivo, constituiu-se em um fenômeno cultural mundial (ELIAS, 1992).

Elias (1992) vai dizer que o país de origem da grande parte dos esportes foi à Inglaterra, a partir da qual se propagaram para outros, principalmente da segunda metade do século XIX em diante. Corrida de cavalos, tênis, boxe, luta, remo, atletismo e futebol foram alguns deles, ainda que, este último se destacasse entre os demais esportes pela sua popularidade e intensidade com que foi adotado e absorvido pelos outros países.

No intuito de contemplar este cenário, as palavras de Bracht (1997, p.22) acerca do esporte contribuem para entender que “o esporte sofre, no período do pós-guerra, um grande desenvolvimento quantitativo. Afirma-se paulatinamente em todos os países sob a influência da cultura européia, como o elemento hegemônico da cultura de movimento”.

Nessa linha de pensamento, Bracht (2005, p.14) explica que o esporte moderno sofre um processo de modificação - a esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares e nobres inglesas. Os jogos tradicionais vão sendo esvaziados de suas funções iniciais (ligadas a festas da colheita e da religião), bem como ocorre com os jogos populares, na medida em que assumem as características básicas do esporte: “competição, rendimento físico-técnico, *record*, racionalização e cientificização do treinamento”.

Dunning (1992) sugere que a atribuição da crescente seriedade do esporte moderno, em larga medida, ocorre por três processos inter-relacionados: a formação do Estado, a democratização funcional e a divulgação do esporte pelo aumento da rede de interdependência. Acredita que para alguns grupos da sociedade o esporte veio a ocupar o espaço deixado pelo declínio da religião. Em outros termos, Elias e Dunning (1992) destacam que o esporte é um lazer mimético capaz de produzir excitação agradável e destruir a rotina, que juntamente com o controle são aspectos inerentes à toda sociedade.

Seja qual for a modalidade, o modo de praticar e tratar o esporte ultrapassa o espaço da escola e das aulas de Educação Física, até porque sua emergência é anterior a esta última de forma sistematizada. A consideração de tal aspecto permite reconhecer que adentrar o espaço da escola e das práticas curriculares da Educação Física foi facilitado e também balizado pelo fato de o esporte se apresentar, conforme Damatta (1994), como um domínio social, uma indústria cultural que surge acoplado com o advento da sociedade industrial de mídia e de massa.

Sobre os diferentes objetivos e concepções de esporte, Bracht (2005) destaca que as nomeações que acompanham o termo (esporte de rendimento ou alto rendimento, esporte de lazer, esporte educativo) indicam que o processo de esportivização não ocorreu sem oposições e processos de resistência.

Diante de tais apontamentos, defende-se aqui que o fenômeno cultural do esporte em nível mundial relaciona-se com os múltiplos atravessamentos do esporte na vida das pessoas, em vários âmbitos, tais como educativo, lazer, recreação, promoção da saúde, aperfeiçoamento estético e melhorias das qualidades físicas. Entretanto, nota-se que pensar o esporte como algo que produz prazer não o descarta dos jogos de saber-poder. Tal capacidade do esporte dá mais potência aos seus discursos.

A função estratégica do dispositivo

O entendimento do termo foucaultiano de dispositivo expresso por Agamben (2005, p.3) indica-o como “a disposição de uma série de práticas e de mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito”. Assim, todo dispositivo tem uma função estratégica dominante para responder a uma urgência histórica.

De acordo com o que foi explicitado na discussão da emergência do dispositivo da esportivização da Educação Física, a função estratégica deste dispositivo inicia-se com a intenção de que o esporte na escola, na Educação Física, auxilie de contribuir com a instituição esportiva, no fortalecimento da base de sua pirâmide esportiva e na identificação dos talentos esportivos. Este objetivo não foi perseguido sem lançar mão do argumento de que “esporte é cultura, é educação, para legitimar-se no contexto social, e principalmente para conseguir apoio e financiamento oficial” (BRACHT, 1997, p.22).

Cabe pontuar que, como dito, essa função foi a inicial, bem como alerta Foucault (1992), quando afirma que o dispositivo pode rever a sua função diante de efeitos indesejados. Além disso, com o pressuposto de que a função do dispositivo se dá sempre em um processo negociado por meio de relações de poder-saber, não há garantias que todos os seus efeitos planejados sejam efetivados.

Nesta perspectiva, Bracht e Almeida (2003) defendem que a partir da década de 1970, as políticas públicas e a legislação esportiva, visibilizam as tensões existentes entre o papel da Educação Física (com o esporte escolar a ela vinculada) e os interesses do sistema esportivo. As percepções dos autores indicam que o processo de esportivização da Educação Física não se dá de modo uniforme, tampouco sem conflitos.

Assim, ocorre uma rearticulação da função estratégica do dispositivo da esportivização, tendo em vista que as escolas não tinham/têm as mesmas condições físicas e materiais dos clubes esportivos; não contemplavam/contemplam o tempo necessário para o treinamento com três ou duas aulas semanais de Educação Física de no máximo 50 minutos; não possuíam/possuem profissionais de diferentes áreas nem se alimentavam de tecnologias avançadas para impulsionarem melhorias na *performance* dos alunos-atletas (RIGO, 1995).

Diante da não consecução das metas de fortalecer a base da pirâmide esportiva, o dispositivo da esportivização da Educação Física traz para o centro de sua dinâmica um argumento potente já posto em circulação, ainda que apenas para lhe dar suporte. Reativar o discurso de que esporte é cultura, é educação, somados à ideia de que esporte é saúde foi necessário para que o dispositivo permanecesse em ação, renovando sua força discursiva.

No entanto, percebe-se que diferentes discursos sobre esporte e Educação Física se atravessam mutuamente e convivem no campo das políticas educacionais e, especificamente, curriculares quando ligadas ao componente curricular da escola básica. Bracht (2000, p.14) problematiza uma questão próxima a esta, ao ser instigado a discutir a relação do esporte de rendimento com a Educação Física, afirma:

A princípio parece haver aqui um paradoxo; o debate aparenta estar na contramão. Senão vejamos: a EF (escolar) passa por um momento em que sua existência encontra-se ameaçada e isto na medida em que foi abandonada pelo projeto neoliberal de educação e pelo próprio sistema esportivo que dela pode prescindir para o seu desenvolvimento, pois as escolinhas esportivas substituem com “vantagens” a EF.

Posicionamentos como o de Bracht (2000) desacreditam e quase eliminam a possibilidade de se pensar as relações entre esporte de rendimento e Educação Física escolar. Ainda assim, acredita-se que o abandonar e recrutar constantes dos entrelaçamentos entre ambos, as discontinuidades e proveniências se mostram mais visíveis do que o afastamento total entre ambos. Os escritos de Bracht e Almeida (2003) confirmam essa perspectiva. Informam, em seu estudo, que com o mau desempenho do Brasil nas Olimpíadas de Sydney em 2000 irromperam muitos questionamentos acerca dos motivos que ocasionaram o fracasso brasileiro, desencadeando movimentos para o fortalecimento da Educação Física pela reivindicação de sua obrigatoriedade nas escolas. Tais movimentos resultaram no Programa Atleta na Escola e em revisões na LDB (1996).

Considerações Finais

Com o objetivo de apresentar as duas das principais características do conceito foucaultiano de dispositivo pode-se constatar que em relação às condições de emergência histórica do dispositivo da esportivização, elas propiciaram entender como emerge um conjunto de práticas e discursos que atravessam as práticas curriculares da Educação Física, a partir de 1950, e que permanecem ativas. Tais condições se sustentam em aspectos econômicos, sociais, culturais e pedagógicos delineados pelas mudanças nos processos de trabalho, por modelos de administração taylorista e fordista; pelos efeitos gerados na escolarização diante de tais transformações nas relações de trabalho e sociais; pela importância que assume o rendimento nesse contexto; pelo espaço que o tecnicismo adquiriu nos processos educacionais e pela proximidade entre princípios tecnicistas e os esportes. Inclusive, a perspectiva de ensino tecnicista é comumente relacionada com a abordagem pedagógica da Educação Física chamada esportivista, tecnicista, tradicional.

Por fim, deu-se destaque ao modo como o esporte se difundiu e foi aceito, não apenas

no âmbito da Educação Física, mas em toda a sociedade como uma das condições de possibilidade do dispositivo da esportivização. Esta expansão caracteriza o esporte como um fenômeno cultural de nível mundial facilitando seus atravessamentos e a própria base para o seu desenvolvimento em diferentes setores, como o social, educacional, econômico.

No que se refere à função estratégica, percebeu-se como é possível a sustentação do dispositivo da esportivização na atualidade, com as mudanças de direção, descarte, incremento e reativação de discursos no intuito de fortalecer a ação e operacionalização do dispositivo.

Inicialmente, o dispositivo da esportivização imprimiu ao esporte na Educação Física escolar a função de contribuir com o fortalecimento da base da pirâmide esportiva e com a identificação dos talentos esportivos. Como as metas de fortalecimento da base da pirâmide esportiva não foram atingidas diante dos distanciamentos entre a instituição escolar e a esportiva, como os recursos físicos e humanos, por exemplo, o argumento de que esporte é cultura, é educação, junto à ideia de que esporte é saúde, prevalece como função do dispositivo da esportivização.

Ainda assim, as discursividades e evidências de qualquer dispositivo não são estáticas, na medida em que o modo como ocorrem as relações de poder e os processos de subjetivação podem encaminhar o delineamento de outros dispositivos, tendo o esporte como coadjuvante, ou imprimindo-o uma nova função estratégica.

Referências

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** Conferência realizada em 26 de setembro no Brasil. Rio de Janeiro, 2005.

BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**. p.54-58, 2006.

BARBOSA, C.L. de. A. **Educação Física e Didática: um diálogo possível e necessário**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.1, p.53-63, 2000.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F.Q. de. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio 2003.

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**. p.10-17, 1994.

DARIDO, S.C.; NETO, L.S. O contexto da educação física na escola. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p.1-24.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p.299-326.

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p.187-219.

- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- GARCIA, M.M.A. **Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GONZÁLEZ, F.J. Verbete: esportivização. In: GONZÁLEZ, F.J.; FENSTERSEIFER, P.E. **Dicionário crítico da Educação Física**. 2. ed. revisada. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. p.170-174.
- HYPOLITO, A.M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas: Papyrus, 1997.
- MARCELLO, F.A. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, p.226-241, 2009.
- MEC – Ministério da Educação. **Programa Atleta na escola**. Disponível em <<http://atletanaescola.mec.gov.br/programa.html>>. Acesso em 2 nov de 2014.
- NEIRA, M.G; NUNES, M.L. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.
- RIGO, L.C. A Educação Física fora de forma. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.15, n.2, p.82-83, 1995.
- SILVA, M.M. e. **Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- SOARES, C.L. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica e esporte. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. P.75-86.
- TUBINO, M.J.G. **O que é esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

Recebido em 27 de outubro de 2019.
Aceito em 20 de abril de 2020.